

205

O MEN GURI

(de Enzo Michel)

Trabalho inspirado na música
"O MEN GURI" de Chico Santiago

NOTA: O poema "Reportagem Urbana" que teve parte incluída neste trabalho, é de autoria de Cecília Almeida Pardo, registrada da Pieve de São João Alencastro.

São Paulo, janeiro de 1985.

205

o MEU GURI

(De Jane Weller)



Trabalho inspirado na música
"o meu GURI" de Chico Buarque

Obs: É parte "Reportagem Branca" que teve parte incluída no
se trabalho. É de autoria de Cecília Alves Pinto, resu-
mido do livro de Alice Admonino.

São Paulo, Janeiro de 1983.

PERSONAL

. LOINO

. ANIMA

. BAILLO

. LEIDE

. ROSA

. CREPE

. DETIHO

. BABA

. VITE IM

. FOCORNO

. BORDI 1

. BORDI 2

. BORDI 3

. BORDI 4

. PROFESSOR

. MINIERA

. AMERICANA





19 ATO — O MEU CLIMA
ESTÃO ME DEVENDO
A TERRA É AGUL:
FEMININA

20 ATO — CAMAROCERIA
REPORTAGEIRIA URBANA
MÚSICO STRAUS

FINAL — ESTÃO ME DEVENDO



OS HERÓIS ESTÃO NO PRÍCIO, ESTÁTICOS. ABAIXAM-SE EM POSIÇÃO DE DEFESA. É O "MOMENTO DO CRIME". COMO SEMA EXPOSIÇÃO DE TIPOS. A LUI É VERGUEIRO E A MÚSICA É "BEST IT", DE RACHMANOV JACKSON:

NO FINAL DA MÚSICA, ANDRÉIA SE AFASTA DO GRUPO E FALA:

ANDRÉIA — E Milosinho chegou. Mas quala chega PT-9883, com base de Célia Rubinstein, no bairro de Pinheiro. Milosinho conhecia bem os hábitos de Gervá, em sua casa humilde, como transeiros de São Alegre. Mas sempre em São João Climaco.

São aproximadamente vinte e duas horas da noite. No meio da noite de uma de agosto de 1978...

GRUPO — COMO UM GRITO NA NOITE: Atenção, vai morrer um valente!

E.O. DESPERTA-SE O "MOMENTO DO CRIME" - TENSÃO:

É NOITE, ACERTOS, OS TRÊS MOMENTOS DE APROXIMAR DA CASA DE GERVÁ

LORENZO — Sem gosto disso... Como milosinho pesado.
Sem na mão de morte, latindo pra lá.

DETETIVO — Sem lá tem, Valente...

BRASÃO — É tarde... sem sombras na rua...

DETETIVO — Para a mão, que vai na frente
fora a morte, que não conta,
sem gato, sem grilo, sem grãoie...



LOIRO — Estranha, essa hora...
É o modo é tão mais agudo, que é maior até que
a dor que acumulada se guardou a vida inteira.

RETIRADO — O homem se esqueceu dessas quebradas
Não há luz, nem sol, nem nada. A noite aqui foi
sempre a noite mais escura e derradeira.

LOIRO — Tão negra, escondendo a minha cara porrada
Meus trechos, e o lado — Ah, acastento!
Desapareço quando guardado
Que é maior até que o modo, em mim
Neste momento. Maldita noite dos abandonados!

RETIRADO — Maldita noite! Olha, valente... é o sinal.

LOIRO — A tualha vermelha ao vento!

RETIRADO — Barra limpa, segue na frente
Território federal!

ENTRAM OS "DOIS HOMENS" ARMADOS. ENTRA TAMBÉM
"LEITE", DESOCCUPADA;

LEITE — Traição, traição

OS HOMENS ATIRAM, ACERTANDO "LOIRO". QUE CAI
MORTO;

LOIRO — Filhos da puta!

NA SEQUÊNCIA, OS "HOMENS" LEVAM "RETIRADO" COMO
PRISIONEIRO.

NOVA — EM OFF: Os cachorros estão pedindo o Betinho...

OS "HOMENS" SAEM. LOIRO ESTÁ MORTO NO CHÃO E



LEIDE TOMA SEU CORPO NO COLO E CANTA MÚSICA "O
MEU GURI"

LEIDE — Quando, seu moço, nasceu seu rebenta/ São era o
momento dele rebentar/ Já foi nascendo com cara
de fuma/ E eu não tinha seu nome prá lhe dar/Cq
eu fui levando, não sei lhe explicar/ Foi assim
levando ele a me levar/ E as sua meninico/ Ele
eu dia me disse que chegava lá.

Oiha aí... oiha aí...

Ai, o meu guri, oiha aí

Oiha aí, é o meu guri.

E ele chega...

Chega sendo e veio do batente/ E traz sempre
um presente prá me encabular/ Tanta corrente de
ouro, seu moço/ Que haja no pescoço prá enfiar/
Eu consolo ele, ele me consola/ Boto ele no co
lo, prá ele me cinar/ De repente acordo, oiha
pro lado/ O danado já foi trabalhar.

Oiha aí... oiha aí...

Ai, o meu guri, oiha aí

Oiha aí, é o meu guri...

SETE FLORÃO MORÃO OS MENINOS VÃO TOMANDO FORA
CÃO PIANTE DO CORPO

"BARRA", "CRISTO", "VINTE E UM", "BOA", "BA
RÃO", "FOZUINHO"; SÃO OS MENINOS DAS MÃES, OS
GRAXATEIS, TROVADORES, VAGABUNDOS E SUB-EMPREGADOS

ANINHA — DESTACANDO-SE DO CONJUNTO: Ojaneira e plantas, de



hoje em diante a justiça e a ordem pública não
terão problema a menos prô se preocupar: "Leí-
ro", que se fez Cavaleiro-Leão, foi sujeitado. Na
coroa da traição, uma só ordem: atirar!

Viva sempre como um bicho, como se não pudesse
também chorar e como se dentro dele não se enca-
lha.

"Leão", que se fez Cavaleiro-Leão, representa
agora os maltratos e a exploração de todos os
povões desta cidade. E quem nos ignorou e teve
as mãos fechadas, agora tem a resposta:

SENHA — Pois quero que sem querer, no meio de tanta
bosta, vivamos um batalhão de meninos quase-bá-
cho. O Estado Imperial de "Leão" está agora in-
plantado. E a nossa vingança é a resposta de uma
Nação de farrapos, de venetas, de linados!

ENTRA A MÚSICA: "ESTÃO SE DEVEDO"

CORDONADA COM TODO O SILENCIO.

TODOS — Estão se devendo
Carinho de mãe/ Unhas aparadas
Rico de estinação/ Sopas costuradas
Se devem O-laco/ Radinho de pilha
Se devem gracinha/ Se devem cartilha.

Estão se devendo
Fubeta sem culpa/ trem balançando
Devem barba quanta/ Alguém se cuidando
Se devem Tu/ Charlatan de bola
Devem amada/ E um abraço de cola



Estão se devendo

Revista em quadriculhas/domingo de festa

Barrete de crente/ Antílope honesta

Re devem medalhas/ Re devem patente

Re devem uma coisa/ E um enteiro decente.

FINAL DA COMEDIOGRAFIA: A MÚSICA CONTINUA EM F.F.

LOIRO — DESTACANDO-SE DO CONJUNTO, COMO QUE RESSUSCITANDO:

Depoi prá frente não haverá mais segrestas e sem
cousiagens. Agora a gente vai se agrupar, virar
marada, e as sacanas irão pagar o preço justo de
cada sacanagem. A lei que vai valer depoi prá
frente não vai ser a lei da metragem e da hui-
lhação... Olho por olho, dente por dente, com
as runas desta cidade, que se há de lencidar.

Cada um dos que forem chamados, dos que comigo
virão, há de ficar frente a frente com um deles,
se alcance desta mão. E o ferro descerá, com
golpe decidido, partilhando o fato e partilhando
o frato.

Ricardo Carvalho Masetti, Crepesc 14 anos...

CHESPO — A minha mão sempre teve a cabeça meio virada,
Por isso eu fui fora quando entrei no barraco e
encontrei meu três irmãos com a "cabeça avir-
teçada". Só sangue, naquele quarto. Ah, saia
dro, aqui é, que eu espero! A velha piroca de
ver, e prá quem já matou três... pessoas, prá
que te quero!



LOBO — Walter Luis Costa, 14 anos. Vozes "Vinte Um"...

VINTE UM — JORNAL DA AMÉRICA, AMELIANDI

Al. frequência... tá doído
do jeito que a diabo gosta.
Parado de gaguejar,
parado de tremedeira,
se não, vai tudo pra festa!

LOBO — Jailson de Jesus, Gilson Costa Sarques, Colares,
Martina Barbosa, 15 anos, José Geraldo Martins,
Periquito, Silveira, Milcinho Galvão, Romirinho,
Neri Pisto, espalhem a notícia, mandem avisar
a todos: "loiro", o Cavalo-Louco, líder natural
de todos os meninos sem direitos, de sua gen-
ção, morreu, virou símbolo, tornou-se bandeira.
Agora é nação!

CENA 1. BÊBICA. TRANSIÇÃO

OS MENINOS ESTÃO NO VELHO DEPOSITO, QUE SERVE
COMO RECONHECIMENTO DO GRUPO. É NOITE:

LEIDE — E a recta, vai também?

NINGUÉM RESPONDE.

LEIDE — Pôrra... todo mundo ficou surdo?

Eu estou perguntando se a "ranchada" tá, vai
com a gente?

ANITA — Eu tenho pelo menos algumas notícias para ir
também...

LEIDE — E eu, garoto, tenho umas mesmas notícias aqui



tivoy, e mais um, prá você ir dando no pé, com
rendinho...

BARÃO — Por não, ela fica...
É sempre bom ter coisas novas no pedago...

LEIDE — Vai ver, ainda por cima é cabêço.

BARÃO — Oh, já seguiu a história toda e Leide está ori-
ando caso com a garota, só por que ela faz um
das "chamadadas vias rarasas"

CHESPO — Não acredito!
A Leide está com medo da concorrência?

BARÃO — Prá você ver... um é pouco, dois é bom, mas
três é demais!

LEIDE — Você não punketeiro. Você nunca soube uma
cheia na puta de tua vida, Barão. Qual é a tua
cara?

Ó, o maior troador de pista da paróquia, porra!

BARÃO — Por que você não vai sentar numa moita de porra,
hein, seu vindo escuro?

LEIDE — Por que você não manda a mandocanha, seu amor?

LEIDE — CHESPO AGORA: Hei, que é isso? Vamos parar
com essa porra? É que é que está havendo, Lei-
de?

LEIDE — Bêbo de mais, Leide... e rabo de mais sempre
dei estar...

AMINA — Sem mais, de rabo de mais. Aqui não tem difereng



ça. Não tem nome, não tem criança, não tem su-
ber... nem viado. Não tem gostar, não tem van-
tade. Não tem preto, não tem branco... é tudo
igual: tudo feito massacrado!

LEIDE — Tá legal, filhinho... agora, põe pra você pr-
meira, depois cê tá bem pra mim, e responde com
atenção: se a gente for brincar de Bela Adorcu-
cida, quem é que vai ser a princesa e quem é
que vai ser o dragão? Ô, no cô!

ANITA — Esse carnaval todo é por causa dele?

TOCOS — A Leide não é mais aquela... pra na banda
lá...

LEIDE — Ele não está aqui? Você não quer perguntar pra
ele diretamente?

CRISPO — Jogou o Leide na fogueira?

LOIRO — Vai entregar a cara pros bandidos, Leide?

CRISPO — Isso vai terminar em casamento. Eu já disse:
amor de pica é amor que fica!

BARÃO — Só falta descobrir uma coisa: quem vai ser a
noiva... a Leide, ou a franguinha?

LOIRO — Não stiga, Barão...

BARÃO — Quem sabe ele não quer antes fazer a reconheci-
mento? Experimentar o molejo, a aderência nas
curvas, ver se não tem vacante, defeito de lig-
bricação, se não trava nas saídas e sentir o
estufamento?



VINCE UM — É a gente, como é que fica?

CRISPO — Na direita, como sempre!

NANÔ — Eu vou ficando na fila da menina. Não quero ser o primeiro não. Mas não vou dormir: de touca, vou ficar comendo macas, se um outro por a mão.

LEIDE — Sabe o que você podia fazer, Nanô?

Ficar com a Rosa. Ela tem que está precisando de um pai para o baculê.

ROSA — Ah, mas estava dormindo muito... eu já estava desconfiada. Tinha que sobrar pra Rosa. O. Leide, fica com essa boca fechada, assim não entra nada.

Ah, se eu tivesse alma de homem... de criança e tão nojenta de interesse em só a vida. Ainda disse ao dia a noite ao mundo, comprou passagem pro inferno. E o meu paiastro, veio mesmo, que se esqueceu, se estufou, igualzinho a besteira. Se feria e se aborreu, deixando o baculê dentro da minha barriga. Mas eu encontro esse papo, e vou capar o safado. E sem Rosa sem o dia, eu vão separar essa briga.

CRISPO — Ih, agora a senhora está correndo mais perigo que antes!

ROSA — É comigo, Crispinho?

Porque, eu eu não entendi direito, se você está se chamando de "lábica!"



- COMPO — Não está mais aqui quem falou!
- ROSA — Pronto é toda:
Quando não chega na entrada, chega na saída. E
quando não chega nem na entrada, nem na saída,
é porque está com o casquinho contornado!
- LOIRO — Lembra, escuta o que eu te digo: Ele ainda é uma
menina...
- LEIDE — Mas já tem peito.
- LOIRO — E isso é defeito?
- LEIDE — É tentação!
- AMIRA — Melhor sem fazer pressão. Esta hora é também
muito por direito adquirido. E esse direito eu
adquiri apertando cafetinas e saquetas no chão
de madrugada. Resistindo tranco e porreida pra
continuar na vida.
- LEIDE — Isso pode ser um golpe...
Ninguém aqui te conhece...
- AMIRA — Muito prazer, encostada.
Agora, porra, se esquece!
- ENTRA A MÚSICA: "FEMININA"
AS DUAS CANTAM, COMO SEM DESAFIO:
- AMIRA — Eu te espero
Para me levar pra casa
Feminina
Transparente, nome chamo



LEIDE — Eu te quero, como um solero
Pois eu te amo.

ANITA — Eu te quero, como um solero

LEIDE — Eu te quero
Para me tirar da lama
Eu, sem nome
Pedrasita, falas duma

ANITA — Bailarina tua, mas não tua
Pois eu te amo.

LEIDE — Eu te quero, como um solero, como um solero, como um solero

ANITA — Ven meter
A tua sede em minha fonte
Explorar
As minhas matas e meus montes

LEIDE — Ven sugar
O leite seco do meu peito
Ven gerar
Um filho morto, no meu leite
A outra face, agora bate
Pois eu te amo.

AO FINAL DA MÓDICA:

LEIDE — Tô na cara que eu vou me arrepender

ANITA — Eu te quero, como um solero

ANITA — Fato seguro.

LEIDE — Dicha sentimental tem mais é que se foder!

TRANSIÇÃO. NO VELHO DEPÓSITO. COMO NUM ACAMPAMENTO, OS MENINOS ESTÃO DIVIDIDOS EM GRUPOS. UM DORME, OUTROS BRINCAM, OUTROS MONTAM QUADRAS.



LOIRO — Não se espanta com as coisas de Leide...

ANINHA — Ele ficou patético, não ficou?

LOIRO — Que nada.

Você não contou a Leide direito... ele é que
se fira.

ANINHA — Ele é viado, né?

LOIRO — Fizeram ele assim. Antes, ele não era. Tava sem
pré se metendo em coisa por causa da mulher.
Quando os homens botaram as mãos nele e levaram
pró FEMM, você não acredita... ele era cheio
pró caralho. Lá no FEMM estupiram ele duas ou
três vezes, chamado homônico, que da
vem pré ele ficar calado, ficar dopado... aí,
as mãos de seis meses tinham mudado ele inteir
mente... fizeram ele virar bicha. Tudo mundo no
FEMM comia o rabo dele. Os meninos, as moç
ras, até os estudantes. Fica servindo de
lugar de casa pra filhas da puta. Por isso é
que ele é tão invocado dessa jeito. É para se
voltar.

ANINHA — Ele gosta de você, não gostar?

LOIRO — Claro... ninguém nunca deu um carinho pró ele
antes.

ANINHA — E você, também gosta dele?

LOIRO — Não gosto.

ANINHA — Gosta como?



LOIRÃO — Contando, ora bolas!

ASTRÊA — De dormir junta e tudo?

LOIRÃO — São fofas, Astrêa... AFASTA-SE DELA. No meio da noite, a gente não sente fome e não sono. Quando é noite, que aparece a angústia e que faz frio, a gente tenta procurar um carinho fora dessa vida... pra dormir e sonhar que é de lá. De pra ficar acordado, sentindo o corpo quente do outro e sonhando fantasia. A gente se abraça e fica enrolado, só ouvindo o coração bater. A gente procura o pai, a gente procura a mãe... porra, se pelo menos a gente acreditasse em Deus. PENSEM QUE SE EMOTIONAM E NUNCA SE ACORDAM ESPERANÇANDO. A gente tem duas coisas pra fazer. A primeira é liberar a cara do negócio... a segunda, é se assegurar com muita alta.

ASTRÊA — Pra onde será que levaram eles?

LOIRÃO — Sem desconfiar, mas a gente vai descobrir...
E então pensando numa coisa: enterrar um banco.

ASTRÊA — Enterrar um banco é locutura?

LOIRÃO — Enterrar um banco é meter a mão na nossa parte da grana, que está nas mãos dos safados.

Ficar meses de grana, de boca leve, não vai dar chance pra ninguém.

ASTRÊA — Assaltar um banco, você tem a cara e a coisa boa?



- LOIRO — Assaltando, pórra! Todo mundo não assalta?
- Armas a gente já tem, e coragem a gente aprende na hora. É melhor morrer tentando, Aninha, que acabar na merda.
- Aninha cede a gente sai e escolhe um banco. Um puta banco, deuses da Ag. Paulista... se for preciso, se estuda primeiro o movimento e até se monta um plano.
- Dais das moças podem entrar lá, com cara de quem não estão querendo nada, só na biblioteca... estudando o ambiente: lugar do cofre, horários, saídas, banheiros, essas coisas... não tem mais o que errar.
- BARÃO — Quantos minutos tem? E... pode ser um bom negócio. Mas você não acha que vai dar muita bagaceira, dois pivetes esfarrapados passando dentro de um banco?
- LOIRO — Você estava aí, é?
- BARÃO — Achei de estudar... só deu para ouvir o finalzinho da história...
- LOIRO — É aí, Barão, vamos arriscar?
- ANINHA — Lá fora, se você quiser eu faço esse trabalho...
- LOIRO — Você não.
- BARÃO — É por que, não não?
- LOIRO — Isso é serviço pra homem. A gente tira isso na



— simuca, na parreira, no gar ou impar...

BARÃO — Você também pode escolher um voluntário...

LOIRO — Voluntário a gente não escolhe, Barão... o voluntário é o que se apresenta...

ANITA — Eu acho bom a gente escolher direito esse rapaz... já pensei - se tiver pouca grana, justa nesta no banco que a gente escolher. Vai enfim ter perigo o todo, pra escolher uma merdinha...

BARÃO — Pouca grana, Aninha?

ANITA — Eles não podem estar desprevidos?

LOIRO — O que é isso, Aninha?

— É o tempo deles, lá no banco. Não éles que fã breque e dinheiro. Cada banco desasa que você vê assim, e tá cheio de dinheiro até o tempo. Todo nota "assim" de novo, que ninguém ainda põe a mão.

ANITA — Mas você acha que eles vão entregar a grana na mão, só por que a gente está querendo?

BARÃO — Se não entregarem, pior pra eles. A gente arrasta todo mundo com o talãozinho. Manda direto pro sistema, sem direito a fila que é pra ligar o planeta. Ah, é... eu vou dormir...

BARÃO SAI DO CEN.

ANITA — Tudo de uma coisa que eu aprendi?

LOIRO — Na escola?



ANINHA — Não... um milhão não. Antes de eu vir de Niterói.
— Grosseio as histórias de um milhão. Ela me ensi-
nou que a Terra é azul.

LOIRO — Azul, como é que pode?

ANINHA — É, azul.

Se a gente vê lá de cima, se a gente vê lá de
alto, da lua, das estrelas.

Depois, numa revista tinha uma fotografia: era
dondinha a azul. Eu guardei a fotografia...
quando a gente foi buscar as minhas coisas na
mãe...

LOIRO — Se se for assim, olhando lá de lua, vendo aqui
de baixo, de lado que a gente está, a Terra é
uma verde ali.

ANINHA — Da azul que a minha mãe não gostava mesmo.

LOIRO — Pelo menos ela te ensinava as coisas. Comigo
não... a minha mãe nunca pode me ensinar porra
nenhuma. Eu fui marcado pela polícia desde os
5 anos. É toda, Aninha... depois que a gente en-
tra o primeiro, pode ser até por acidente, sem
querer, que não tem mais retorno. O negócio é
continuar andando para não morrer. Tinha um am-
go meu que foi sequestrado pela polícia... Com
a cara enfiada na lama ele pediu pelo amor de
Deus para que não matassem ele. Da tiras ainda
comprou a cara dele...

Ente e que eu sei?

Da pais que sequestra os seus pivetes é um país
desagradado.

TRANSIÇÃO:

LUGAR BEM É MAL ILUMINADO. "DETINHO", QUE RA
VIA SIDO LIBERADO COMO PRISIONEIRO, SOPRTE AGORA
UMA "SESSÃO" DE TORTURA:

HOMEN 1 — O que será que o garotão andou aprontando para
vir parar aqui na Especialidade?

HOMEN 2 — Ele vai contar por gente.

HOMEN 1 — sabe que se dá um aperto no coração, ter que
usar de violência, com um garotão como ele?

HOMEN 2 — E eu então, porra?

Ele deve ser o que, uma doia mais mais velho
que a minha filha... não deixa de ser uma crian
ça.

HOMEN 1 — Prê você ver... e a sua menina já está na escop
la de balot, não está?

HOMEN 2 — Mas a minha menina é outra cabeça, outra forag
ção... não dá para comparar...

HOMEN 1 — Ele já está suando...

HOMEN 2 — Deve ser o calor...

HOMEN 1 — Sem ar condicionado é toda!

HOMEN 2 — E se a gente tirasse a roupa dele... será que
ele não refrescava um pouquinho?

DETINHO — Eu não quero pôr a mão em mim.

HOMEN 2 — Calma, garotão...



DETINHO — Vão tirar a roupa da mãe de vocês, suas filhas da puta.

HOMEN 1 — Pronto, começa a agitação gostosa... é sag pra assim...

HOMEN 2 — São só estapas querendo saber algumas coisa, não...

DETINHO — Tira a mão de mim, porra. Eu não sei de merda nenhuma...

HOMEN 1 — Você não devia ele dizer que tem uma filha com a tua idade?

DETINHO — Tomara que tire puta da rua?

HOMEN 1 — Olha:

HOMEN 2 — Me diga uma coisa, mas bom: você era bem chega de daquela marginalidade, não era?

DETINHO NÃO RESPONDE:

HOMEN 1 — Será que ele não ouviu?

HOMEN 2 — Deve estar com os devidinhos sujos...

HOMEN 1 — Será? APLICA-LHE UM "TELEFONE": Pergunta assim assim...

HOMEN 2 — São precisa... ele só... ele já entendeu.

DETINHO — Eu não era chegado de ninguém...

HOMEN 1 — Você não sabe da mesma coisa?

HOMEN 2 — Olha aí... estou começando a perder a porra da paciência...



HOMEN 1 — Tamos tentar objetivar este diálogo? Veja se entende o seguinte: o seu chapinha, de quem nós estamos falando, já estiveram com a cabeça no inferno há muito tempo. Já expacotou, virou pra visto, está encandado? Não tem a menor graça você ficar recordando leite apora, tomando sor no tempo. Nós estamos querendo saber uma coisa ali lá. Preste bem atenção: lá, de onde o seu sanguinho escapou, sem o Espírito Santo havia conseguido escapar antes. Isso deixou uma porção de gente importante bastante chateada, você entende isso? É por isso que nós estamos querag de saber se não teve ajuda de alguém lá de dentro, mesmo fora... entendeu?

HOMEN 2 — Via como é simples? — mas não é
Quem sabe se um funcionário mais corrupto que o comitêado, alguém de coração mole... alguém que se dá comoração, sei lá...

HOMEN 1 — Tamos lá, garoto... que nós não estamos adia de pensar a noite te fazendo companhia.

TRANSIÇÃO. MOVIMENTO DO VILÃO CORFUTO:

LOIRO — Estou pensando no Betinho...

"Betinho" quem é? O "Beto Bruto" quem é?

AMIRA — Deus se livre!

LOIRO — Vai confessar o que sabe e o que não sabe, até estar o fígado pela boca. A dona "justa" é de de:

ALGUÉM SE APROXIMA. É A LEITE.



LEIDE — Não deu jeito de pegar no sono...

LOIRO — Fata muito, hein?

LEIDE — Se próxima vez eu venho com uma sirena, deságua de uma ambulância, tá legal?

LOIRO — Você não toma jeito...

LEIDE — VENDO A ANIMA: Ah... eu estou atrapalhando a alguma coisa? Não seja por isso. Caminho de ferro, é por onde veio.

LOIRO — Deixa de frescura, Leide... anda aí...
A gente estava falando do Estiano...

LEIDE — Melhor que tenha morrido, citado.

LOIRO — A gente vai tirar ele, de onde ele tiver.

LEIDE — Quer uma lâbia?
Vou começar procurando nas lixeiras, nos lugares baldios, esses lugares andam muito concorridos atualmente...

LOIRO — Eu juro, Leide, se ele ainda estiver vivo...

LEIDE — CONTANDO: Claro que não está. Claro que não está. Ninguém aponta, Loiro. Des papa é esse? O "Bergisto" apontou? O "João Branco" apontou? Ninguém aponta... você está careca de saber.

O melhor é pedir pro Santo prá que ele tenha agarrado rapidamente. Prá que tenha morrido de cara. Depois que se está lá dentro, o único jeito de escapar é tirar logo o tipo do campo. É



novos laço, de cara, deixando todo mundo com a maior cara de bobão. Eles ficam patos de vida quando isso acontece.

LOBO . — Eu estou falando, Leide, a gente vai tirar ele de lá.

LEIDE — Tirar ele de onde, do inferno?

Omal é a tua loiro? Está querendo fazer figurinha por causa da gente?

Prá cara de mim, não. Tô na vida há muito tempo, nem um. Essa não consigo não sair. Vai procurar a tua turma, vai...

É quer saber mais, loiro? Tem uma coisa que eu estou guardando aqui dentro há muito tempo. O que é que está dando nessa sua cabecinha, hein? Cadê o maloque arisco e vivo que eu estava sempre casado a conhecer? Nada, ninguém aprontava do tipo e sair de quem se ficasse de bosta... você não caía em graça e nunca ninguém te passava a perna. E agora, é agora?

Eu acho bom você se bancar e mandar buscar o seu corpo nas torradeiras.

LOBO — INSTANTÂNEO: Dia o nome.

LEIDE — PALESTINTE INSTANTÂNEO: Nome... que nome?

LOBO — O nome do filho da puta que se entrega.

LEIDE — Eu já disse que não sei de porra nenhuma... ALÍ
CA DA AMONDO: Depois, se você está a fim de se



CONTRAI UM DEDO-DURO NESTE GRUPO, BATEU EM POR
LÁ ARRADA, SEM AMAR. BOM NOITE, EU VOU DORMIR.
TAL BAINHO:

LOIRO — INÍMICO: Leide?
ELA ESTÁ DE COSTA PARA ELE, QUE COM O REVÓLVER
NA MÃO, APONTA PARA ELA: Leide, eu só quero o
nome.

LEIDE — DE COSTA: Você tem coragem de atirar?

LOIRO — Quem sabe?

LEIDE — VOLTANDO-SE PARA ELE: A não?
Conhece a lei da selva: mata, tem que comer!

LOIRO — Leide, eu só estou pedindo o nome.

LEIDE — Eu já escutei... eu não sou surda. Abaixa essa
arma... COM INDIFERENÇA, PARA ANIMA: A garota
ainda está por aqui? Não tem medo de apertar
uma grife, nem de friques?

LOIRO — PARA ANIMA: Dá um tempo, Aninha...

ANIMA SAI, CONTRAFEITO.

LEIDE — Eu não sei Leide. Eu juro por Deus que não sei.
Mas está na cara que houve traição. Será que
você não junta as coisas? Eu passei a semana se
teira tomando conta daquele barraco... só a sag
sa quem sabia disso. Os guardas não podiam ad
vistar. Então como é que eles saíram matando,
bem na hora em que eu coloquei a malha verde
lha na janela. Como é que eles souberam que o



mal era a minha verdade?

É por que alguém já havia estragado tudo. Já haviam caquetado a gente. Alguém deu ou, laíro... e foi alguém da nossa gente. Por isso que se gritou traição.

TRANSIÇÃO: VOLTA A CIMA DE "BETUNCO" COM OS TON TUNALONES

BOMEN 1 — Parece que o filho da puta estava de ver...

BOMEN 2 — Porra, mas tinha que morrer logo agora?

BOMEN 1 — Tava mais a fim de complicar a gente.

BOMEN 3 — Filho da puta, mal recebido.

BOMEN 1 — Olha aí... o desgraçado ainda se sujou a cami
sa...

BOMEN 2 — O que é isso?

BOMEN 1 — Merda, porra... não está vendo o desgraçado se
caga nasiriano.

BOMEN 2 — Esses patos vão chorando aqui todos estropia
dos... não aguentam nem uma porradinha e já vão
estourando na primeira curva.

BOMEN 1 — É o segundo, nesta semana, hein?

BOMEN 2 — Vamco logo com isso...

TRANSIÇÃO: RETORNAR AO VELAS DEPARTO.

LEIDE — Eu tenho féio de caqueta. De caqueta e de polí
cia. Eu sei que eu posso até pagar por isso e



se entorcer de uma hora pra outra... mas esse
ódio eu sei que vou ter até o fim.

LEONARDO — Forra, que justiça mais de merda!
É o belo planeta azul, visto da terra!

TRANSIÇÃO: EM SEU "ESPAÇO", ANIMA CRISTO.

MÚSICA: "A TERRA É AZUL"

PROLOGO DE SLIME, COM A TERRA, AZUL.

ANIMA — Azul

Seja a terra prometida

Azul

Seja o sonho, azul

É a Terra

Vista lá de cima

Azul.

Azul

A esperança seja um sonho

Azul

Seja a Terra, azul

Vista aqui da terra

Azul!

TRANSIÇÃO: AO FINAL DA MÚSICA, OS HOMENS JÁ SE
TÃO EM POSIÇÃO PARA O "ASSALTO AO BANCO"

BARÃO — Todo mundo de boca fechada...

LEONARDO — A gente só vai apertar a nossa parte dessa gra-
na. Se agir direito, não tem do que ficar com
medo.

BARÃO — Quem tiver pensando em apertar, vai levar chum



— tá até no céu da boca.

LOIRO — Abrindo as gavetas... abrindo as gavetas e pagando a grana...

BARÃO — Não está procurando, é?

LOIRO — com a secola... rãpado, recolhendo...

LEIDE — ~~PARA UMA FURÇÃO?~~ Ai, meu maco, até aqui, porra?

LOIRO — Qual é?

LEIDE — A moçada aqui está se estrachando...

LOIRO — deixa prá lá...

LEIDE — Porra nenhuma! Qual é, minha filha, Vasco viu um assaltante vindo, é?

LOIRO — Tá ficando muito demorado. A gente está perdendo muito tempo.

BARÃO — Ai, é... a grana já está na mão...

LOIRO — Agora é caíndo fora... vamos nessa...

BARÃO — Todo mundo pro banheiro... a gente vai esperar dez minutos... e puto que se manifestar ou por a fuça prá fora, leva uma arrastona no meio dos olhos... vamos, todo mundo pro banheiro.

CRISTO — E nada de varrer lá dentro, tá acordado?

BARÃO — Todo mundo dando no pé... do jeito que a gente combina...



- LOIRÃO — Uma coisa: atenção!
A gente vai ter que mudar os planos...
- MAÍLO — Que é isso, Loirão... já estava tudo combinado...
- LOIRÃO — Por isso mesmo.
Pistou um grilo sério. A gente ol' o fora, cada um por si, como estava combinado. Só que a gente vai mudar o lugar do encontro.
- MAÍLO — Mudar o lugar do encontro?
- LOIRÃO — Como eu disse: a gente vai mudar o lugar do encontro. Não vai ser mais na casa da Tia Lú...
- MAÍLO — Que organização mais de merda é essa?
- LOIRÃO — É papo que não dá pra explicar agora, irmão. Mas tem um ratinho esperto, querendo morder a nossa empadinha. Seguinte: a gente se muda pro depósito. Nessa altura, o depósito é o lugar mais seguro.
todo mundo entendendo aí, é... agora, dando ao pé... cada um por si.
- TRANSIÇÃO: NO VELHO DEPOSITO.
GRANDE EUPHORIA. OS MENINOS ESTÃO VOLTANDO DO SEU SALTO:
- CRISTO — Que molécula, será... como é que os porcos dão um vacilo desse?
- LOIRÃO — Agora eles vão começar a por mais cuidado.
- VINTE DE — Parecia até que a gente seria como brincadeiras:
"Abrindo as gavetas e passando a grama"... todo



mundo no maior espaço.

- CRISPO — Tive uma patinha que até se chamou de senhor...
- ROSA — O baculê nas ancas ainda e já está sendo procyredo pela polícia. Isso é que eu chamo de masi no de futuro!
- BARÃO — E aí, valente?
Romendo a grana, multiplicando, fazendo as mastas e dividindo... quanto é que cabe por cada um?
- LEON — Calma, Barão... a grana é de todo mundo...
- ANITA — Com essa grana a gente se organiza...
- VINTE UM — Faz até fundo por guerra...
- BASTA — Compra armas, munição, compra remédio, compra carbão...
- VINTE UM — Compra comida, compra brinquedo...
- BARÃO — Eu penso um pouco diferente: enquanto for dando certo, enquanto for dando bom, aqui pro lado da gente, não vai ter muita bronca. Mas quando pigtar enfição, na primeira derrubada, quando pigtar diferença, que eu sei que vem confusão... e esse grupo tão usado se desmontar na parada, não é melhor estar na garantia, cada um com o "seu" na mão?
- CRISPO — Pelo cheiro podre, eu acho que o "grupo tão unido" já entrou na liquidação.



LEIRO — Primeiro se faz o levantamento de tudo que está faltando. Bombões, armamento... tudo de precisão. Ai, é comprar. O resto se encontra, pra se gastar emergência, se acontecer um caso.

BARÃO — Que tipo de caso? Que emergência pode ter mais na minha vida? Eu não tenho nada a perder, nem perigo pra correr, daqui pra frente. É lutar!

LEIRO — Mesmo achando uma convergência e idealização do Barão, eu só quero deixar bem claro uma coisa: no caso de divisão, eu vou ficar por dois. Por mim e pelo baculi... que ele também tomou parte do assalto. O resto, se vê depois.

BARÃO — Eu sei, Leiro... estou cansado de saber. Quando eu morrer, vou lá, sei que vou estar só, sozinho. Mas aí sozinho, se virai sozinho, e não vai ser pra morrer que eu vou precisar de virar só.

Pode estar "sozinho" de valente, ao meu lado, vou ficar sozinho. Na hora em que a hora bater, vou bastardo as milhas, nesse instante eu vou estar só, sozinho.

Pode até ter alguma parte, sentindo compaixão, mas a minha morte é só minha... ninguém que eu tiver presente vai comigo pro caixão.

LEIRO — Eu já te conheço, mas caráter!

BARÃO — Isso é coisa... não é papa pra virado,

LEIRO — Infinito!



NARÃO — Ah, já está todo mundo contra mim agora?
Já imagina no fim?

ANÍBAL — Quem está contra você é você mesmo.
Que não quer pensar direito.

NARÃO — Porra, que pressão!

Tá legal... então que seja o que tiver que ser
feito. O leito é quem comanda, dá as cartas e
joga na mão. Tudo bom... eu vou topando, enquanto
te for dando jeito, enquanto for dando pé. Mas
este, gente boa... estou acordado de pampas...
e no mundo que a gente vive, o que corre menos,
vô:

entra "POQUINHO", APOIADO:

POQUINHO — Fata que o paria! C'as não vão acreditar...
que tinha de soldado. Precisa sabe o quê? De
desfile militar.

POQUINHO — Trabalharam no capricho. Não sobrou malícia a
teira. Nem cusa, nem mesa, nem banco e nem sap
tinho. Amassaram a lata de lixo, caparam na es
ladreira, interrogaram as galinhas, deram chute
no coqueiro, deram tiro nas vizinhas.

POQUINHO — Malandro, sabe quantos homens tinha? Aqui, ô,
marô! Se eu tivesse lá pra contar, se eu não vi
nessa malícia, o corpo ainda estava lá, e aqui
no seu lugar, ia ter um belo anjinho trazendo
essa malícia.

LOIRÃO — Ele está vindo da rede da Tia Lú.



BARBA — O lugar que estava combinado pra gente se encontrar depois do assalto.

CRISTO — Como é que eles souberam?

VINTE UM — Não dava pra adivinhar!

LOIÃO — Via só, Marlon apesar de tanto discurso, apesar de toda vivência, a história já saía do corpo e já pintou euforia. Não dá pra perder mais tempo. Agora, é partir pra ação... não dar tempo pro sacana, nem pra se organizar, nem pra tomar direção.

Faz-se logo o julgamento, se determina a sentença, e parte pra decisão.

CRISTO — Fica condenado o responsável pela saúde do povo, a comer a vida inteira, ele e a família dele, feijão cheio de barata, arroz com cabelo deivo e resto de lixo de feira!

PODERES — Fica condenado o responsável pela educação dos menores a ser colocado dentro de um casidessão cheio de macarrão de latrinalha, com água fervendo quente, pro sacana ficar lendo, enquanto vive a vida de porco.

BARBA — E quem for responsável pela vida de qualquer povo morto, fica condenado a vir na outra encarnação, ele e sua geração num ambiente de abogad.

VINTE UM — O responsável pela saúde dos menores fica condenado a tocar sinta na estação do Metrô, até



mas não esperar e os "brega" ficar duro, não do fogo das ventas, de tanto tomar paneto!

LEIDE — A responsável pela segurança dos senhores terá um ratão vivo enfiado em sua chachorra, e depois de uma semana, quando o rato sair torcido, paga cada vez a senhora, e enfia o rato de novo!

ROSA — A responsável pelo tratamento médico de sangres deverá contrair picada, febre amarela e gripe, varíola, cólera, paralisia, gonorreia e coqueluche, e vai ter que esperar a vez, na fila de atendimento!

LOURE — Condensar-se todos os que fizessem valer nessa tal lei a lei da natureza e da humilhação contra todos os senhores, a pagar por esse crime, agora, da maneira mais infame, pela força desta mão!

FINAL DO 1.º ATTO



O NOVO CÉREO

SEGUNDO ATO

CÉREPO — ABRILHO A CÍRIA, COMO UM MATEIRO: Sob o signo do mais total abandono, foi sendo formada uma nova ordem social. Sob os viadutos, nos barcos das praças públicas, nos portões das Unidades Administrativas, nas ruas do centro da cidade, nas esquinas mal iluminadas, nas periferias, nos lugares ermos, esquecido pelo homem e por Deus. Uma nova sociedade, assentada na marginalidade e na violência, com um código de honra próprio, com hierarquias e valores próprios, e uma linguagem nova, quase um código.

FOGUINHO — Fazer paz no pedágio...

CÉREPO — EXPLICANDO A CÍRIA: Amor ao diáspora de coroa,

VINTE UM — Desilustrar...

CÉREPO — Praticar um ato de estupro.

AMINA — Frequência...

CÉREPO — Indivíduo do sexo feminino na mira de um assalto.
— Se.

NOVA — Zero quilômetro...

CÉREPO — Garoto ou garoto virgem, não estuproado.

AMINA — Gambôa...

CÉREPO — Soldados de polícia.



- DABIA — Fazer mecha...
 CRESPO — Dar tiros.
 ROSA — Cavalheiro...
 CRESPO — Mexino valente, sem medo.
 LOIRO — Tocar sineta...
 CRESPO — Masturbação.
 BASTÃO — Regulado...
 CRESPO — Regar o jogo, esconder algumas coisas.
 FOCOSINHO — Canal particular...
 CRESPO — Colaborador de assalto.
 VINTE UM — Laranja...
 CRESPO — Testa de ferro.
 ANINHA — Pela-Fôrça.
 CRESPO — Detenção.
 LOIRO — Turbina.
 CRESPO — Revólver.
 BASTÃO — Levantar bandeira.
 CRESPO — Ser enganado.
 VINTE UM — É pelo novo código de honra, é terminantemente proibido: Entregar um companheiro. Afundar o ponto de serviço de um amigo. Ter medo. Trair uma ação, e ligar-se a pessoa de um colega!



FOMINHO — E não tem perdão para quem não respeitar esses seis mandamentos bíblicos, na guerra das ruas. Quem vacilar, terá depois que provar que está arrependido e, inevitavelmente será marcado na ra a linha de frente, no primeiro assalto.

Na escuridão dessa madrugada, ou se transformou em herói ou é mais uma criança, apodreado do rumo certo da cidade. Mas se der sorte e virar herói, com certeza vai procurar se vingar dos antigos companheiros, e assim, vai ter um valente a menos nessa história!

ENTRA A MÚSICA: "CAMAROCAL":

CONCORDÂNCIA, COM TODO O BLANCO:

TODOS — Sei não...
Sem rei, sem capitão
Na perna,
Fratura exposta
Se escapar, vou ser ladrão!
Sei não...
Sem rei, sem marinheiro
Os olhos,
Vazando pela
Se escapar, vou ser bicheiro!
Sei não...
Sem rei, sem coronel
As juntas
Todas soltas
Se escapar, monto um bodeiro!



Sei não...

Nem sei, nem sei não

Sei não...

Sei não...

Se escapar, não escopo não!

AO FINAL DA COMEDIANTEIA, ESTÃO TODOS NO VELHO
DEPÓSITO:

LOIÃO — O Crespo vai pro Rio de Janeiro. O Vinte Um vai
prá Brasília. A Rosa vai pro Sergipe. O Poço
vão prá Bahia. Semem todos os menores que
que não vão na noite, e são raios como a gente, de
segunda de luz do dia.

Ninguém será esquecido. Ninguém ficará de fora.
O chameirão se alastrará como fogo, por todos
mãos e lugares. Quem quiser chegar primeiro, que
agora chegue a hora. Quem nos tratos de indigen
ta, vai precisar ser bem forte, prá a hora do
cacete, não cegar dentro das calças, nem trazer
diante da morte!

POQUINHO — Na Bahia tem o João Grande, o Cato e o Pedro Ba
ta!

ANINHA — Em Mato Grosso tem o Carlinho, o Beto e o Bife!

CRESPO — No Rio tem o Beto Beto!

BAHIA — Tem o Beto na Barra Funda, o Cavadirinha no Brás,
a Tuma do Cavendish... os menores de São Paulo!

VINTE UM — O Espalido e o Destino são valentes do Brasil!



ROSA — São tantas e tão mesquinhas, que até Deus perdeu a conta. Ninguém mais vem saber o nome. Sempre a mesma identidade: mesquinhas mortas de fome!

Vivendo como se pode, mais se ataca, mais se perde, mais se fode na vida. São tantas e tão mesquinhas, tão leves e tão frangíveis, que até Deus sente desgosto.

ENTRA LEIDE, NA HASTEIRA, TRAZENDO UM JORNAL NA MÃO:

LEIDE — Nessa convocatória é melhor não chamar o nome de Betinho. Ai, tá no jornal. A menos que eu mate no crepino, caso já partiu pro qilôria. Tá no esboço e perdido.

LOIRO — OLHANDO O JORNAL. Faltou da porta!

ANINHA — É ele mesmo?

BARBA — Que estrago!

ANINHA — É ele sim.

ROSA — Puta que o pariu!

LOIRO — Meu Deus... é uma nome pastosa...

LEIDE — O serviço foi bem feito!

NARÃO — Eles não perdoam um venudade!

LEIDE — Isso agora é novidade?

ROSA — Prá falar a verdade, melhor nem ter nascido.

ANINHA — Conta... conta como aconteceu...



LÓRDO — NIL NÃO SABE LER: Não sei, porra... não interessa... morreu!

ROSA — A nossa gente está se arrebolando nas mãos dos
, mais fortes. Se foderem. Sendo descurada a torto
e a direito e não são tempo nem o maravilhamento de
saber como isso está acontecendo.

LÓRDO — Esse monte de trechinhos, para quem que sabem
ler, vale uma porrada de coisas.

Cada risquinho desse, vira toda informação. São
precisa ficar nessa de só olhar a fotografia.

Mas eu só sei escrever uma palavra: líbia: trêg
e grafia, no fundo do coração.

ENTRA A MÚSICA: "MEMÓRIAS BRASILEIRAS"

TOCOS CANTAM, ENQUANTO VÃO PREPARANDO A "CEIA".
PARA A CENA SEQUINTE:

TOCOS — Ah, que a vida se repouse, tranquila consciência
é preciso evitar mudança brusca.

Que a boca do vinho permaneça assim depositada
Afim de não turvar o arado luminoso
Ah, sim, é preciso rezar pela família
Como também é preciso amar o próximo.

LÓRDO — AO CENTRO DA CENA, NA CEIA: Hoje o Betinho não
come a sopa com a gente. Mas também não leva
mais choques no rabo, nem palmatória na mão, nem
três-estilo pela frente. Se é que lá em cima a
justiça é outra... se é que lá em cima é dife
rente.



Quem botou a mão nele, foi capricho no serviço.
Não tem um piço de dó. Foi virado pela avo-
vo. A cara, que todas viam, ficou que é uma
massa só.

Agora eu faço a divisão, de um tequinho pra cá
da um, desse pão que era dele. E já deixo agora
marcado: todo ano, nesta dia, a gente se reúne
num canto da piaçava e passa um pouquinho nele.

Esse compromisso é desse, e dos outros, que vi-
rão. NAI DIVIDINDO O PÃO ENTRE TODOS: só um vai
ficar de fora... só um não devia entender a mão
agora. Falo daquela corralha que está de comadre
com os barões.

NÃO — Que é isso, malandro? Indireta pra eu coxiar?

LOIRO — É você quem está dizendo. A sarapalha está no ar,
pré cabeça que servir...

NÃO — Porra, que papo mais furado...

LEITE — Agora não, barão... cuidado...

CEGA-SE A "CEIA"

FICAM NOA E ANITA

NOA — Você está gostando dele, não está?
Eu tenho te observando...

ANITA — De quem?

NOA — Do loiro...

ANITA — Inspira!



Eu nunca tive tempo pra essas coisas...

ROSA — E eu tive? Sem tempo e sem gosto... e ainda ali
o tanquinho dentro do corpo.

Tu tinha, Antônia, pra não marcar botaço...

ANTÔNIA — Contar?

ROSA — É... contar, contar... quem está de contra-mão na
vida não pode levar sentimentos de carona.

ANTÔNIA — Bastava então ter perna e braço... andar descalço
pelo rio... colher uma fruta na feira?

ROSA — A dor ia ser menor, não ia sentir tristeza...
não ia pensar a noite pensando de solidão.

ANTÔNIA — Sem ia trair de novo, quando ela vai, dentro a
espina e desaparecem... cantos abertos no peito,
sem ter saber direito se vai voltar um dia?

Sem sentir o coração descompondo no peito,
quando ela volta, raspando a noite e abrindo a
santa com o rosto iluminado por um sorriso lag
go?

Ah, Rosa, tem tanta coisa aqui mesmo!

ROSA — É por isso que já estão pagando tanto pela coisa
que dela...

ANTÔNIA — O leão já ficou louco!

ROSA — Grande medo! Depois, quando vier a primavera,
não vai ter muita diferença das outras. É isso
vale pra todas nós... pra mim... pra você...



pró todo mundo... até pró ele... APONTA A BARRA
DE

ANINHA — Eee... o baculê... você já escolheu o nome?

BOGA — Sem nome, sem sobrenome.

Vai nascendo e pegando fila na FIMEM. Não quero
nem ver a fupa dele, que é pró não pagar
coisa. Pode ser que lá, ele quehe até nome e
tudo... assim, não corre perigo.

ANINHA — Eee... e se a gente criasse ele?

BOGA — Que é isso, Aninha? Quem cria bandido é a FIMEM!

ANINHA — Não brinca... eu estou falando sério... a gente
toma conta dele... ia ser como filho de todos
nós...

BOGA — Depois a gente colocava ele numa escola, formava
dentur da lei, pró tirar a família da cadeia?

ANINHA — Não tira erro, ia ser companhia pró você.

BOGA — Muito obrigado. Não estou precisando.

Se eu tivesse, tinha ficado com a Clarissa, da
FIMEM. Ela era carinhosa, estava sempre me
fazendo um agrado. A merda é que ela queria ser
da Polícia Feminina. Andar de uniforme e a cargo
do pelo cidade, prendendo as pessoas...

Côra, Aninha... quer saber de uma coisa? Se o
baculê nascer com a cara do pai dele, eu juro
por Deus que afogo no primeiro tanque que pisar



dar na minha frente. Não quero ficar vendo a fuga dela, me lembrando dos horrores que eu vivi sei na mão daquele filho da puta. Afago mesmo, juro por Deus!

ANITA — A minha avó fazia isso com gato... leve-me lá, vai!

BOA — Quando ele morrer, estão, eu vou mandar ela pra tua avó.

REDAÇÃO DE CLIMA: VIM CHEGANDO O "CRESCO", COM CAS ROYAL, CAMISA COLORIDA, MUITO "ELEGANTE" EM SEUS NOTOS VIRAIS:

BOA — Mas olhe, meu Deus... quem vem vindo lá...

ANITA — Mas não é possível. É o Cresco?

VÃO CHEGANDO OS OUTROS MENÇOS:

BOA — Todo cheio de resbo...

ANITA — Olhe só a namora nova...

BOA — Porra, será que esse moleque esboitou?

CRESCO — Chegando e se apressando!
Mas eu não estou mesmo em crise! Muito lindo?

CHEGANDO E PASSANDO EXIBIÇÃO:

LOIRO — Desistindo a grana dos baratas, Cresco?

CRESCO — Na maior autoridade:
Seguiste: eu não tinha ficado sacarregado de descolar um professor aqui pra cá e ali? Pois



é...

Não estava dando pra encostar a distista com a queleas trapas que eu tinha. Al, como a grana estava fazendo "môsa" no bolso, eu resolvi dar um trato geral no visual. colocando os óculos espetados: E aí, Aninha? Das 12 horas... não estou mesmo fazendo uma linha?

BARÃO — O vagabundo não é de pegar com as mãos...

CHESPO — Vagabundo, não? Que lembra...

Lembra mal mesmo o dia e já pego no telefone. Me levanto antes das seis, pra escolher o greijão, as lâminas de corrente. No meio do robe-esparto, o doutor fica mais leve e eu fico com a cartajra. Até as onze das assistências na Estação Rodovidária... procurando multidão, atrás de alguma região, que venha facilitar a minha floria diária. Assim, chego ao meio dia, cumprindo quase seis horas desse trabalho braçal. Fecho pra hora do almoço, quatro croquetes de carne, duas crepinhas de frango, angulo e saio apressado sem pedir nota fiscal.

É tarde eu mesmo ponto na velha Estação das Lãs, direto, das três às seis. Sem tranco, cadê o relógio? Sem espurrião, a bolsa que eu faço já. Ou a vida? Cuidado com o candente! E ainda, veja sua vida, a noite tem hora entre, e já na minha seguinte começa toda outra vez.

Porra, se isso é ser vagabundo!



Trabalhar desmoldado, sem Fundo de Garantia, Seguro de Vida em grupo e despesas remuneradas? Sindicato que decida, Registre feito em Carteira, Não. Podendo ser despedida sem prévio aviso, de Vida, bastando meter bocheira?

Vagabundo? Vagabundo, Barão, é o caralho!

Ah, e ainda tem a polícia, acideando trabalho.

LOIRO — É a professora, Crepus... como é que fica?

CREPUS — Da, é... a professora...

CREPUS SAI E VOLTA ACOMPANHADO DE UM INDIVÍDUO
ABERTAMENTE INCOMODADO, CONSTRANGIDO E IN-
QUIETO, COM UM SORRISO AMARELO DE QUEM QUIS
APRENDER E AO MESMO TEMPO ESTÁ APANHANDO;

LOIRO — Pronto... quem é esse aí?

CREPUS — A professora... quer dizer, o professor...

ROSA — O senhor é mesmo professor?

O OUTRO CONCORDA:

LOIRO — Aqui não tem muita distância, sem assunto pra
esta pigo.

Aqui, uma turma toda só está querendo uma coisa
do senhor: aprender a ler e a escrever.

Ninguém vai desrespeitar, ninguém vai fazer mal
tratos... o senhor vai ficar aos tempos aqui
com a gente.



Quando todo mundo estiver saindo, direi
não, sem todas as letras, a gente leva o
nho de volta. E ainda pode até fazer um paga-
mento pelo serviço.

No tempo em que o senhor estiver aqui não
faltará comida, coberto sem respeito.

PROFESSOR — Sabe o que é... infelizmente, eu não posso.

LEIDE — Alguém aqui pergunta alguma coisa?

PROFESSOR — É que eu tenho família... tenho esposa e dois
filhos...

LEIDE — Tal em um motivo por não permanecer mais. ATA
DE UM JORNAL ANTIGO. O senhor está vendo este
seminho aqui no jornal? Ele era um pouco irmão
da gente. São estamos querendo saber o que está
escrito aí sob o nome da fotografia dele.

PROFESSOR — LEIDE O JORNAL: "Vozes delinqüentes, realidade das
dependências do Juizado, foi encontrado morto
em terreno baldio no Parque São Rafael em
São Mateus. Em seu corpo foram encontrados si-
nais de surtos e violência sexual. A polícia
atribuiu o crime à vingança por parte da quadri-
lha da qual o menor fazia parte integrante".

LEIDE — Filhos da puta!

BLACK OUT

PRATO VERDE. ENTRAM "VINTE UM" E "FOGLHINO", A
INDICADORES. TAL COMEÇAR A INVASÃO



VINTE UM — Na maior cidade brasileira, grupos de crianças, com idades entre cinco e dezessete anos, se deslocam silenciosamente andando, entre a multidão. Cada grupo é formado por vinte, trinta, cinquenta, sessenta e sessenta... e ninguém os vê ainda!

POCINHO — São tremedinhos, vendedores de flores, jogam bolinhas, correpedores de feira, guardadores de carros, vendedores das Unidades da FÉRIA, prostituta, vadia e pedintes. Vai começar a invasão e ninguém os vê, ainda!

A INVASÃO: PRIMEIRO QUADRO

A MENININA

A MENININA, VESTIDA COM ROUPAS MUITO DELICADAS, VAI E VEM, ATRAVESSANDO O BALCÃO, COMO UM FRALDIN, FELANDO COMIDA. AOS POUCOS VÃO APARECENDO OS "MENINOS", ASSOMBRADOS. ELA NOTA AS INÚMERAS PRESENCAS, DÁ DE OMBRO E FURTA O SEU RIR.

MENININA — Mamã... mamã, venha ver os moleques da rua!

OS MENINOS AVANÇAM POR ELA, VIOLENTOS. É O MARCHA-RE.

BLACK OUT

TRANSIÇÃO: ESTÃO NOVAMENTE NO FILM DEPOSITO: A SALA.

PROFESSOR — "A"

MENINOS — "A"



2. PROFESSOR CONTINUA INDICANDO:

PROFESSOR — "E"... "I"... "O"... "U"...

OS MENINOS VÃO ACORRERANDO:

PROFESSOR — Não já havíamos visto anteriormente as vogais:
"A", de...

VINTE UM — Amarelo e sei lá...

PROFESSOR — A vogal "E", de...

ANDRÉ — Elefante e engarrafado...

PROFESSOR — E, finalmente, a vogal "I", de...

OS MENINOS RESPONDEM DESOBEREADAMENTE:

ANDRÉ — Iria...

FOQUINHO — Idiota...

ISAIA — Infância...

CRISPO — Indio...

VINTE UM — Ignorante...

PROFESSOR — CORRIGINDO: Ignorante!

Sim, agora vamos passar para a vogal "O".

A vogal "O" é a décima quarta letra do alfabeto.
to. Alguém aqui sabe como é que se escreve em
as letra?

FOQUINHO — Eu sei...

OS MENINOS, APLAUSOS, VAIAM E CRIAM, EM ALTA
LAUDA:



— Al, sabertudo!

— Vai, buda-moço!

— Pora-a-a-a-a!

PROFESSOR — E então... a classe está esperando...

FOGUINHO FAZ O SINAL E INDICA, UNDO O DEDO

INDICANDO AO POLSOM:

FOGUINHO — Assim, é, Professor!

LEIDE — É oi, com que vogal se escreve?

PROFESSOR — COLOCANDO OUTRO NO PACIENTE: Com a vogal "O", pg
demonstraver: OOOOO... ooo... orientação...
ostoso, que é uma das quatro estações do ano...
Alguém poderia se dizer mais uma palavra que co
seco com a letra "O"?

MINHA — Ovelha!

BAHIA — Orlasmas!

CHESPO — Omonasual! CORRECTAMENTE PARA "LEIDE"

LEIDE — É a mãe, criculo!

VISTE DE — Ofsalmoterrinvolaringologia!

LEIDE — Professor, posso recitar?

"Estatística quando nasce, esparrama pelo chão.
A menina quando delta, põe a mão no seu BACÃO".

PROFESSOR — DESCOOPERAO: Boca do retrato!

TOMAR SE DESPERANS, ALEGRES. SAI TAMBÉM O PRO
FESSOR:



ANITA — Mãe?

— ELA ESTAVA. ENTÃO SÓ OS DOIS.

MARCO — E aí... então?

ANITA — Nada... tô com pressa?

MARCO — Eu?

— Com essa...

ANITA — Tem uma coisa, na minha cabeça...

— Molapem...

MARCO — Qual é, Anita? Molapem, nem sequer?

— Se for curado do lepro, não estava com cara para
escrever.

ANITA — E não sendo?

MARCO — Ai, só vendo...

— Você nunca foi de conversar...

ANITA — É... e quem vai perdendo o jeito...

— Cistarga, engole, cisma, dá nó no peito. Fica
quieto, olha pro lado, coça a bunda, engole de
soco, e só faz é ficar colado.

MARCO — Eu nunca tive muito pré dizer... com ninguém
pré me mostrar.

— Nessa vida, papo não fecha a berriga, e eu
só é que rebelar pré continuar mesmo, não
dando sopra pro ar...

— Mas me diga... o lepro está andando?



ANDRÉA — Isso é coisa minha...

BARÃO — Então entendendo...

Mas sem avisar que vinha?

ANDRÉA — Não... estou em segredo.

BARÃO — E você não correra por que?

ANDRÉA — E você, Barão, pergunta por que, por medo?

BARÃO — Esse papo contigo não cola.

ANDRÉA — Você é sequeiro... e esperto...

BARÃO — Certo?

Agora vai desembruchando o segredo que te traz.
Fazê logo, dá o serviço, que eu quero ficar em
paz.

ANDRÉA — É quem consegue ter paz?

Quem nos quebradas da noite, nas horas de paz e
como como um vulto corta as trevas, igualzinho
a um cão sem dono, pra servir a Deus e ao Dia-
bo, nam jogo saje e cretino.

Depois volta e enrola o vale, dorme e sonha co-
mo um menino?

BARÃO — Cada um tem o seu motivo. Andréa. O motivo de
você não é o motivo de morte.

ANDRÉA — É o que vale mais?

Sustar a palavra dada e não trair um amigo, mes-
mo que isso custem a carne, mesmo atulhado na mo-
ra



da, mesmo correndo perigo? Ou tapar a besteira
e se passar pro outro lado, procurando vida
nova, ter dinheiro e proteção?

BARÃO — Você quer que eu escolha, Aninha?

ANINHA — É pra escolher, Barão!

BARÃO — É que nada eu ganho com isso?

ANINHA — Dinheiro?

BARÃO — Dinheiro? Não!
Um compromisso?

ANINHA — Dis logo... tem outro preço?

BARÃO — Não que tem... e ninguém!

Não que eu deixo a estalada por aí por conta da
semina... ou melhor dizendo: mocinha! Que eu
já adivinho as perguntas entre essas pernas fi-
rinhas.

Que brinca com seu desejo, como se brinca com
um leão. Que acha que eu tenho gripe, enquanto
eu tento é teão!

ANINHA — Homem que eu tenho que ir ao inferno, buscar fe-
go, Vámas em frente... joga essas cartas. Eu
pago o preço pra ver o jogo.

FAZ A BLASE, OFERECENDO OS SEUS NÓS:

BARÃO — Assim não.

Tipo carta, partindo pro sacrifício? Como a



cinza da história, começando por Fogueteiro?

Faz pensar... vai fora! Eu quero a chama que arde. Tua lava verdadeira.

Te mamei, Aninha... acabou a brisadeira!

ANINHA — Quanto mais a gente se afasta, mais estreita fica a porta e mais longo fica o caminho. Aquela que encosta as mãos, que mete as pés pelas mãos, se dá e se fica sozinho!

BLACK OUT

CRESCO — EM OFF: A Rosa está parindo!

ANINHA — EM OFF: A Rosa está parindo!

O PARTO

LEIDE — O Crespo e o Vinte Um vão dar minutos por dez, aguentar um carro e voltar com um médico...

ROSA ESTÁ NA POSIÇÃO DE PARTO, SOBRE UM CALDEÃO, SE CONTOCANDO DE DOR:

LEIDE — Não vai dar tempo. Ou a gente se mete nisso, ou vão os dois pra picas, mãe e filho.

LEIDE — Porra, Crespo... está esperando o quê?

O CRESCO E O VINTE UM BEM CORRIDOS PELA RUA DO ANILÃO.

LEIDE — Se ajuda, Aninha... se vi minha mãe parir só co... e não vou ficar esperando o neco... esperando aqueles dois horas-mais. Já que o bebê mandou



fezto, está na hora de sair. Larga a tosta da
lá, Aninha... faz força pra baixo. Hora... vai
empurrando, vai empurrando, que é por baixo mes-
mo que ele tem que sair. Respira, respira fun-
do, hora... não pare de fazer força...

LOIRO — Leide... eu posso ajudar?

LEIDE — Pode... vai dando o fora depois. Tudo mundo. Que
isso não é futebal, pra malandro ficar na torci-
da.

NÃO LOIRO É O MÉDICO:

LEIDE — fazendo força, hora... fazendo força, que ele
já está no meio do caminho. respira fundo e faz
força pra baixo... respira, não pare de respi-
rar... não pare de respirar...

ORA DÁ UM ÚLTIMO GRITO E SE IMOBILIZA TOTALMEN-
TE. LEIDE CONTINUA, SEM PERCEBER QUE A OBRA
NÃO RESISTE:

LEIDE — Não pare de respirar... falta pouco... pelo
amor de Deus, não pare de fazer força... ele
já está nascendo... não pare de respirar... pe-
lo amor de Deus, não pare...

GRANDE SILÊNCIO. NADA MAIS PODE SER FEITO.
LIVIDA, LEIDE SE RECOMÉ:

LEIDE — Parece que o Guepe e o Vinte Um vão perder a
viagem.

ANINHA — Ia ser um médico, não ia?



LEITE — Já sei se hevidido, isso não!

PLAÇA OUT

TRANSCRIÇÃO: ENCONTRO DO "BARÃO" COM OS DOIS "BO
MENES".

HOMEN 1 — Estivemos em tua casa hoje cedo.

BARÃO — E a mãe, como vai?

HOMEN 2 — Na sanicota, levando...

Ele ainda não se conformou com a morte de sua
pai. Ainda é chato, parece que ainda tem medo.

HOMEN 4 — A tua irmã foi embora...

BARÃO — Cadeja!

Mas a mãe não tem do que ter medo agora.

HOMEN 3 — Coisa de gente velha. Fica preocupada consigo,
dovida de tudo, descredita do mundo. Imagina
do perigo.

BARÃO — Perre, eu me atolei na covardia, faço o jogo do
desleixo, fico com a alma assada, eu tenho, e
que eu peço? Nada... só quero deixar a mãe em
estado de garantia.

HOMEN 4 — Calma, Barão... deixa disso!

BARÃO — "Deixa disso"... "Calma"... perre, eu não estou
fazendo o serviço?

HOMEN 2 — Barão, nenhuma das duas partes, em qualquer en-
contro deixas de cumprir o combinado.

BARÃO — Mas se a corda for roar, arreimenta é do meu 12



do:

HOMEN 3 — Quem vive em cima do muro, equilibra... posição com as pernas, pois nem o chão é tão duro, nem a queda é tão macia!

HOMEN 4 — Mas vamos ao que interessa?
A história cômica, atrás da definição, pede por segun e tem pressa.

HOMEN 3 — É isso, Barão... em Assembléias, o Conselho es
tado, analisando os edditos, estudando as es
condições, esgote, em última instância, a es
ta e eficaz eliminação do bandido...

HOMEN 4 — E, não sendo em risco, é claro, o equilíbrio eg
tural da sociedade, nem da ordem estabelecida,
a missão deve ser cumprida por uma mão sem es
peito. De convívio e intimidade da vítima es
tainda.

HOMEN 3 — Assim, a justiça sendo feita pelo próprio mal,
ocorre o fato da esta de natureza natural. Sem um es
ta externo, que caracterize a inadequação de
seu aspecto legal!

BARÃO — E por acaso, esse "agente do próprio mal"...

HOMEN 3 — Acertou em cheio!
É como uma recompensa pela tua situação.

BARÃO — Meter o leão... não... é delírio...
Não correm risco não.

HOMEN 3 — Um bom soldado não discute uma ordem dada...



BARÃO

— Eu faço um acordo.

— Eu dou o serviço. Faço toda a coordenação, faço as reuniões, eu viro... até preparo a embalagem. Só não quero arguir nos laços quando da hora do tiro.

— É comprada e eficiente, estando perto e longe, é melhor ir preparando, documentar e muita grana, pois não é pra minha velha dar o fora do país.

TRANSIÇÃO: "A Travessia"

A TURISTA

ENTRA A "TURISTA" AMERICANA, SAINDO DE PASSA-PORTADA E PASSANTE, REGISTRANDO TUDO COM SUA MÁQUINA DE FOTOGRAFIA.

APARECEM OS MENINOS, ELA TESTA SE RELACIONAR A HISTÓRICAMENTE COM ELAS. PRIMEIRO ELA FOTOGRAFA O "CARRO", DEPOIS TESTA FOTOGRAFAR O CARRO EM TUDO, QUE A CENSA E INVENTA CONTRA ELA.

BLACK OUT

MENTANDO NO FILMO DEPOIS:

ANIMA E LOIRO, ESTÃO SOCIEDADE.

LOIRO — Estou quase esquecido e cansado da vida...

ANIMA — Procurar um trabalho?

LOIRO — É... estou pensando...

ANIMA — Você acredita?

LOIRO — Não sei... mas não faz muita diferença...



- ANINHA — Então, pra' que vai?
- LOIRO — Presentimento... palpito...
- ANINHA — Palpito?
- ANINHA — Então joga no bicho.
- BARÃO — QUE VEM CHEGANDO: Se foi conselho de leide, vai dar viado na cabeça.
- LOIRO — Não brinca, Barão... É melhor respeitar. Tem uma coisa, aqui, se pedindo pra' ir...
- BARÃO — Eu começo um terreno... na Vila Industrial... A minha não frequenta... de vez em quando eu ia com ela. Se você quiser...
- ANINHA — É melhor não ficar se apenado.
- LOIRO — Que perigo pode ter, Aninha...?
- ANINHA — Não sei... mas você pode parar aqui mesmo, não pode?
- LOIRO — Não ia ter a menor graça. Lá é muito mais bonito. As velas acesas, as flores, o cheiro de vela queimada... as pessoas de branco... cantando...
- ANINHA — Você já foi a um terreno, Aninha?
- ANINHA — Sou ao livrai' do morro de medo.
- LOIRO — Medo do que, boba?
- ANINHA — Sei lá... das almas, dos espíritos...
- BARÃO — A gente tem que ter medo é dos que estão vivos.



Aninha.

E aí, Leiro? Hoje é quarta... na semana feia
na semana, de você estiver afim...

ANINHA — Eu posso ir também...?

LEIRO — O Leiro é quem sabe...

ANINHA — Foi prá ele que eu perguntei.

LEIRO — Vamos ver... você leva a gente, Bárão?

BARÃO — Se você quiser... SAINDO DE CENA. Foi sim não
tem nenhum problema...

LEIRO — A gente combina depois, sério.

BARÃO — A gente combina depois. SAI DE CENA.

ANINHA — Leiro... lembra daquela fotografia?

LEIRO — Claro... o planeta azul...

ANINHA — MOSTRANDO A FOTO: São é linda?
Fica com ela prá você... prá trazer sorte.

LEIRO — Antes de ser danado, eu queria ser aviador...
pois sendo bosta, né?

ANINHA — Sabe o que eu queria ser? Bailarina.

LEIRO — Bailarina?

ANINHA — Sério.

Sensas que danças no Silveio. Foi prá isso que
eu fugi de casa. Eu ficava horas e horas, dan



quando em frente da taberna... eu achava aqui
lo o maior barato. Mas não ficava para, jogava
pra praça. Dizia que eu não ia prestar mesmo.
Que despendo daquele jeito eu só podia mesmo
tercear mulher da vida. O mais engraçado é que
ela acabou acertando sem querer.

Como eu, tem uma porra de meninas que fugiram
da casa pra ser bailarinas do Silvio. Faturando
na prostituição.

Na noite agora, passa dos dezito já é considé
rada velha, acabada pra vida. É uma barra fudi
da. Das cinco mil que estão circulando por aí.
mais da metade é de meret. Tem garota vendida
aí pra fora do País. Isso, quando elas não a
brigam a gente a engravidar, só pra transmutar.
Depois, tem que se virar pro diabo do abor
to.

LOBO — Então...

ANITA — O quê?

LOBO — Nada...

ANITA — Então...

LOBO — Uma bailarina... um anador... um porra
chada?

ANITA — Então...

LOBO — O quê?

ANITA — Nada...



LOURO — Dia...

ANINHA — A gente não sabe falar dessas coisas...

Um beijo, Louro...?

ESTÃO DISTANTES, UM DO OUTRO.

LOURO — Um beijo, Aninha...?

ELA SAI CORRENDO, ELA FICA SOCINHA E CANTA:

MÚSICA: "CORRER E VOLTAR"

ANINHA — Quem se lembrará

Que um dia, apressados

Passamos por aqui

Tão ligeiros passamos

Quase atropelados?

Verbas semeste no chão

Na mesa, nenhum grão

Que colhamos um dia

A passar, por passar.

Verbas sinal resistis

Na arca, que nos viu

Com dois vagalhões

Passar, por passar.

Agora, amor... eu te chamo

de amor, e não podes ouvir

Tão distante, a partir

a passar, por passar.

Restará então

Em trágica circunstância



Registrar na morte

O conto romanesco

Seus novos lábios.

TRANSIÇÃO:

INTRODUÇÃO AO TÍTULO DE ROMANHO.

MÓDICA, TRAVE E CLIMA CARACTERÍSTICOS. UM MI
TURI.

ENTRADA LONDO, ACOMPANHADO POR ANIMA E ANIMA-
-SE RESPEITOSAMENTE, PARA AQUILO:

LOIND

— Não é por nada, mãe, que eu entre aqui. E não
pode pedir arreio. Pois quem tem o coração vag
rido como eu tenho, já deixa a dar e o não
por aí, há muito tempo, nessas quebradas.

O que eu queria, era poder prá Senhora olhar um
pouco prá essa garizada que está comigo... essa
gente que aqui também já está virando gente
dentro de tanto pensar logo.

Prá Senhora olhar um pouco prá Aninha, que é eu
se teimosa, que veio comigo. Prá Senhora olhar
pro Grupo, pro Vinte Um, pro Barão, que está
muito perturbado... Prá Senhora olhar pro Bóvia,
Pro Foguetinho... prá todos eles... que a Senhora
olhasse prá Leide, com carinho, voltado, que
ainda deu amor de ser viado.

Daí a Senhora olhasse pro pai, prá mãe, que eu
nem sei por onde é que estão, nessa altura do
campeonato.



Prê Senhora olhar pro Betinho... que não foi
correto o que aconteceu com ele, foi? A Senha
ra sabe, eu sei, quem matou tem que pagar
também, só que não pode ser as traíção e a
severdia... foi muita sacanagem e que ficaram
com ele.

Eu queria que a Senhora tivesse conta da Rosa
e do bacalh, que já devem ter batido por aí, na
sua porta.

Eu sei, não que a nossa gente é muito feia, ter
ta, magriçola, pernas finas e desdentada. Mas
se alguma aí em casa tiver um pouco de paciên
cia, dar uma colher de chá, facilitar um pouco,
a Senhora vai ver que nem um sego foga! Que vão
dar uma pata seja que a Senhora não imagine!

Ainda seja... agora e na hora de nossa morte!

ENTRA O BARÃO, ACOMPANHADO DE UM HOMEM ARMADO:

BARÃO — IGITANDO loiro!

LOIRO — Barão... eu estou desarmado...

O HOMEM ATIRA E LOIRO CAI MORTO

LEIDE — Traição... tração.

AMINA E FOGUINHO SE APROXIMAM DO CORPO MORTO
DO. FOGUINHO RECENA AS PERNAS DO LOIRO, DAVAM POR
AMINA.

AMINA — Ah, que a cidade repousa/ tranquila e concórdia
É preciso evitar sadanga branca/ e qualquer agi



ração

Que a hora do vinho perfume/ assim depositada
Além de não salvar o aroma luminoso.

- Ah, sim. É preciso amar pela família
Como também é preciso amar o próximo.

LES CÂI EM RESISTÊNCIA

APÓS O N.O. TODOS CANTAM E FAZEM COROGRÁFIA

TODOS

- Estão se deverdo
Carinho de mãe/ estas aparadas
Niço de estinação/ roupas costuradas
No deve buco/ Padisco de pilho

Estão se deverdo
Fuseta sem culpa/ Tron balneando
Deves haicho queta/ Alguém se cuidando
No deve TV/ Chicletes de bola.
Desenho animado/ E um churinho de cola.

Estão se deverdo
Revista em quadrinhos/ Domingo de festa
Sorvete de creme/ Antôpala honesta
No deve medalhas/ No deve potente
No deve uma missa/ E um esterco decente!